



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**ISABEL CRISTINA FERREIRA DE OLIVEIRA**

***O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: PARA ALÉM DE UMA HISTÓRIA ÚNICA***

**GUARABIRA  
2022**

ISABEL CRISTINA FERREIRA DE OLIVEIRA

***O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: PARA ALÉM DE UMA HISTÓRIA ÚNICA***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Português.

**Área de concentração:** Literatura Infantil Afro-Brasileira.

**Orientador:** Profa. Dra. Maria Suely da Costa.

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O256p Oliveira, Isabel Cristina Ferreira de.  
O Pequeno Príncipe Preto [manuscrito] ; para além de uma história única / Isabel Cristina Ferreira de Oliveira. - 2022.  
24 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugueses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura. 2. O pequeno príncipe preto. 3. Ancestralidade. 4. Educação antirracista. I. Título

21. ed. CDD 028.5

ISABEL CRISTINA FERREIRA DE OLIVEIRA

**O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: PARA ALÉM DE UMA HISTÓRIA ÚNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura Infantil Afro-Brasileira.

Aprovada em: 29/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me Felipe Pereira da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB)

Ao meu pai, pela dedicação, amor,  
proteção e boas memórias (*In memoriam*),  
DEDICO.

Aqueles que nos deram as contribuições mais significativas e duradouras para sermos quem somos foram os que ousaram assumir seu lugar como iguais. O mundo olha, fascinado, para o brilho ofuscante do ego, mas somente os que caminharem ao nosso lado, com amor e igualdade, atingirão nossos corações e nos transformarão

(PRATHER, 2014, P.10-11).

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	LITERATURA INFANTO JUVENIL: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA .....	10
3	A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA POSSIBILITANDO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA .....	14
4	A ANCESTRALIDADE SOB FOCO EM <i>O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO</i> .....	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
	REFERÊNCIAS.....	23

## RESUMO

Este trabalho traz uma leitura da obra *O pequeno príncipe preto* (2020), do escritor brasileiro Rodrigo França cuja narrativa é direcionada para o protagonismo negro. O objetivo está em verificar quais elementos concorrem para a representação do negro para “além de uma história única”, como apontado por Chimamanda Ngozi Adichie, quando tratamos da representação de histórias sobre uma única perspectiva, geralmente branca. Essas questões põem em pauta a ressignificação do conceito de príncipe e sua representação social, bem como para a valorização da identidade étnico-racial. Em relação à metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa e analítica, com um estudo que se desenvolveu por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica. Buscamos, com isso, a análise sobre a obra *O pequeno príncipe preto*, de autoria de Rodrigo França, publicado em 2020. Fundamentam essa discussão estudos voltados para as temáticas em torno da literatura infantojuvenil, literatura afro-brasileira, a representação do negro na sociedade e educação antirracista, a exemplo de Coelho (2000-2010), Colomer (2017), Cosson (2020), Munanga (2004), Cunha (1999), Filho (2011), Góes (1991). Observa-se, como resultados, que a ancestralidade do povo negro é um fator determinante para a compreensão e afirmação de princípios culturais afro-brasileiros presentes na narrativa, assim como em nosso cotidiano, a pautar aos leitores uma representação identitária positiva do negro. Compreendemos que a obra de Rodrigo França contribui para a formação identitária positiva do negro, permitindo que as crianças possam vivenciar o que foi negado pela historiografia, serem príncipes e princesas com os traços negroides.

**Palavras-chave:** Literatura. *O pequeno príncipe preto*. Ancestralidade. Educação antirracista.



## ABSTRACT

This work presents a reading of the work *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), by the Brazilian writer Rodrigo França, whose narrative is directed towards black protagonism. The objective is to verify which elements contribute to the representation of black people “beyond a single story”, as pointed out by Chimamanda Ngozi Adichie, when we deal with the representation of stories from a single perspective, usually white. These questions put on the agenda the redefinition of the concept of prince and its social representation, as well as the appreciation of ethnic-racial identity. Regarding the methodology, we adopted a qualitative and analytical approach, with a study that was developed through a bibliographical research. We seek, therefore, to analyze the work *O Pequeno Príncipe Preto*, by Rodrigo França, published in 2020. This discussion is supported by studies focused on themes around children's literature, Afro-Brazilian literature, the representation of black people in society and anti-racist education, like Coelho (2000-2010), Colomer (2017), Cosson (2020), Munanga (2004), Cunha (1999), Filho (2011), Góes (1991). It is observed, as a result, that the ancestry of black people is a determining factor for the understanding and affirmation of Afro-Brazilian cultural principles present in the narrative, as well as in our daily life, guiding readers with a positive identity representation of black people. We understand that Rodrigo França's work contributes to the positive identity formation of the black people, allowing children to experience what was denied by historiography, being princes and princesses with black traits.

**Keywords:** Literature. The little black prince. Ancestrality. Anti-racist education.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, sob uma única definição de príncipes e princesas, para além de ser membro herdeiro de família reinante, disseminou-se o conceito de uma referência de indivíduos de pele branca, olhos claros, cabelos lisos, nariz empinado, lábios finos e corpos magros. Esse era o padrão de beleza estabelecido e disseminado pelas histórias infantis, filmes da Disney, como também os brinquedos, com os/as bonecos/as majoritariamente brancos/rosados.

A frequente caracterização de Jesus Cristo enquanto um homem branco de olho azul talvez seja o maior exemplo de padronização de beleza, como citado anteriormente, na história do mundo ocidental, mesmo com historiadores ressaltando que os homens palestinos não seguem esse estereótipo racial. Desse modo, ter apenas essa referência de beleza social, era, mais que impor, naturalizar para as crianças que na sociedade, em geral, havia um modelo padrão a ser superestimado, ao passo que tudo que destoasse desse padrão tende a ser repudiado ou desprezado. A exemplo disso, estão os fenótipos de pele negra, cabelos crespos e ondulados, nariz redondo, lábios grossos e carnudos.

Observando a realidade brasileira, é muito comum nos depararmos com discursos que reduzem etnias a representações estereotipadas, como os povos indígenas, sob a imagem de pessoas inferiores socialmente, não habituadas ao trabalho; assim também os afrodescendentes que são marginalizados, e subalternizados. Contudo, mantém-se valorizada a hegemonia das heranças europeias, inclusive nas representações literárias, revelando a desigualdade existente no meio social. O discurso aponta para a desigualdade social que determina o espaço do branco e do negro.

Essa visão eurocêntrica predominante do embranquecimento está presente na literatura, principalmente na literatura clássica, da qual fazem parte muitas obras literárias, a exemplo de *O pequeno príncipe* (1943), obra do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, referência imediata da obra contemporânea *O pequeno príncipe preto* (2020), ambas voltados ao protagonismo infantil, pontuando questões em torno de valores.

Esta leitura parte do entendimento de que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”<sup>1</sup> (2019, p.14), assim como bem pontuou a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, uma das maiores vozes da literatura africana da atualidade. Segundo Adichie, “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (ADICHE, 2019, p.14). Nesse sentido, a classe étnica racial sempre foi enxergada por uma única ótica, a que subestima, inferioriza, marginaliza, explora e nega a sua existência colocando-a em uma única posição, a de servir.

Essa perspectiva que a sociedade enxerga o negro é decorrente de um único e exclusivo acontecimento marcante na existência do mesmo, ou seja, o fato de terem sido escravizados. Nesse viés, vale salientar que já passaram mais de 100 anos após

---

<sup>1</sup>Disponível em [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras\\_digitalizadas/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_-\\_2019\\_-\\_o\\_perigo\\_de\\_uma\\_historia\\_unica.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf). Acesso em: 05 de dez. 2022.

a escravatura, todavia, o negro ainda sofre consequências e ainda luta por igualdade ética bem como por ocupar espaços privilegiados que, até então, são majoritariamente destinados à classe dominante. Outrossim, é nítida a relação entre a história do negro com o discurso palestrado por Adichie, uma vez que ela problematiza o fato de enxergarmos apenas uma face da história e conseqüentemente anularmos o outros lados que pode ser enxergado como positivo. A saber, a descendência de reis e rainhas. Dessa forma, resumir a existência da classe negra ao fato de terem sido escravizados, mostra sua força, sua existência bem como outras características que também os definem.

Do ponto de vista da representação, até recentemente, era utópico para uma criança negra se imaginar em espaços midiáticos como programas de televisão e cinema, por exemplo, tendo em vista que a elas não cabiam serem consideradas príncipes e princesas devido aos estereótipos associados à sua identidade. Caso alguma criança tivesse esses sonhos, eles eram aniquilados por uma indústria, cuja representatividade tinha por padrão crianças brancas. Assim, na falta, às crianças negras consumiam os mesmos produtos, mesmo sem se sentirem representados. Situações estas que influenciaram e têm influenciado na autoestima dos negros, a exemplo de oprimir a classe feminina negra a ponto de torná-las escravas de chapinhas e alisamentos de cabelos, por exemplo.

Assim, a ausência de representações positivas da criança negra na literatura infantil ainda está presente na contemporaneidade. No tocante a lugares de poder e privilégios, vale ressaltar que atualmente esses espaços ainda são parcialmente excludentes, pois apesar de termos filmes, livros e novelas com protagonistas negros, como *Moana - Um Mar de Aventuras* (2017), dirigido por John Musker e Ron Clements, *A princesa e o sapo* (2009), de Ron Clements e John Musker, *O pequeno príncipe preto* (2020), de Rodrigo França, objeto deste estudo, esses papéis geralmente são destinados às crianças brancas, além disso, com exceção do *Pequeno príncipe preto* (2020), essas obras, em si, não são totalmente inclusivas, uma vez que essas personagens são negras, mas apresentam algumas características da classe branca como cabelo liso, por exemplo.

No que tange às classes étnicas e o lugar que as mesmas ocupam na sociedade, a nação brasileira está constituída por uma população majoritariamente negra, porém é lamentável afirmar que apenas uma parcela dessa população negra ocupa espaços privilegiados. Considerando isso, essa pesquisa aborda a importância e a necessidade da representatividade, pois é a partir da representação que é possível nos imaginarmos em espaços específicos. Por isso, a leitura de obras literárias que são inclusivas e representativas, por intermédio das escolas, são extremamente importantes, uma vez que podem fazer com que as mesmas se popularizem e sejam reconhecidas, permitindo que os cidadãos/leitores ampliem o olhar ao passo que os faz questionar e desconstruir, mesmo que de forma superficial, os estereótipos acerca do conceito de identidade, a exemplo do ser príncipe.

Diante do exposto, esse estudo tem por objetivo verificar quais elementos concorrem para a representação do negro para “além de uma história única” (ADICHIE, 2019), afirmação esta de Chimamanda Ngozi Adichie sobre a constituição da história sob um único viés, que joga estereótipos especialmente sobre populações negras na história. Entendemos que essa discussão acaba pondo em pauta a ressignificação do conceito de príncipe e sua representação social, bem como a valorização da identidade étnico-racial. Em função de sua narrativa, partimos da hipótese de que a obra *O pequeno príncipe preto* (2020) pode levar o leitor a refletir e enxergar a construção ideológica em torno dessa representação conceitual de ser

“príncipe ou princesa” que, relacionada à classe dominante, ainda é bastante disseminada. Além disso, ao trazer a representatividade da criança negra, com imagem valorativas, tende a possibilitar a desconstrução de ideologias negativas construídas acerca do negro.

Para tanto, esse estudo tem por fundamentação os apontamentos teóricos de autores voltados para as temáticas em torno da literatura infantojuvenil, literatura afro-brasileira, a representação do negro na sociedade e educação antirracista, a exemplo de Coelho (2000-2010), Colomer (2017), Cosson (2020), Munanga (2004), Costa (2016), Cunha (1999), Filho (2011), Góes (1991) ente outros.

No que se refere à metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa e analítica, a qual procede a análise da narrativa escrita por Rodrigo França (2020). Em função disso, este estudo se desenvolveu por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica, na busca de “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183), considerando as especificidades desta análise sobre a obra da literatura infantojuvenil negra no Brasil, *O pequeno príncipe preto*, de autoria de Rodrigo França, publicado em 2020.

Além dessa seção introdutória, este trabalho está dividido em quatro unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, abordamos o percurso da literatura infantil e juvenil, apresentamos o autor e sua escrita e, em seguida, discutimos os resultados da análise literária da obra estudada. Por fim, apresentamos algumas considerações no que se refere a análise realizada neste estudo, e por último, as referências utilizadas.

## 2 LITERATURA INFANTO JUVENIL: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999), a literatura infantojuvenil surgiu no século XVIII como mercadoria. Ou seja, por influência, principalmente, da união da literatura com a escola, isto é, a leitura de livros surge como um mediador entre as crianças e a sociedade e como circulação de mercadoria. Assim, revelam-se, podem-se destacar clássicos como *Robinson Crusóé*, (1719) de Daniel Defoe, e *As Viagens de Gulliver* (1726), do escritor Jonathan Swift, estas histórias que foram adaptadas para o público infantojuvenil.

A literatura infantojuvenil é um conceito atual e pungente na sociedade, e ainda está em desenvolvimento, porém, ressalta-se que não é uma literatura para somente entretenimento, por isso não devemos diminuir sua importância e relevância dentro da sociedade e, principalmente, nas escolas.

Cohen (1998) registra que, de início, a maioria dos livros para crianças e jovens era destinada somente a ensinar a doutrinar, ou seja, não priorizava desenvolver aspectos imaginários e reflexivos diversos para além do cognitivo. Dessa forma, quanto à uma função, percebe-se que “em todas elas havia a intenção de passar determinados valores ou padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento” (COELHO, 2000, p.41).

Nos séculos XVIII e XIX, dessa forma, os livros para o público infantojuvenil não eram significativos e nem sempre apresentavam uma linguagem adequada para o seu

público alvo. No século XVIII, havia duas realidades para as crianças: a criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras (CUNHA, 1999).

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 1999, p.22).

A Literatura para crianças nasceu dos contos populares, por isso a contação de histórias é a origem do gênero literário infantil. O surgimento de uma literatura específica para o público infantojuvenil aconteceu apenas com a ascensão e o desenvolvimento das escolas, principalmente nos séculos XVIII e XIX. Antes, não havia livros e nem histórias destinadas para crianças e jovens, já que eles não eram reconhecidos pela sociedade na época.

Em meados do século XVII, em movimento de mudança, ocorreu a adaptação de lendas, mitos e histórias populares que eram transmitidas oralmente de geração em geração para o texto escrito em prosa, pelo escritor e adaptador francês Charles Perrault, o qual é considerado o precursor e “pai” da literatura infantil. Por conseguinte, sua produção apresenta alguns dos contos mais conhecidos mundialmente, como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O gato de botas*, *O pequeno polegar* dentre diversas outras histórias que são popularmente conhecidos como contos de fadas e foram publicados em 1697 no livro *Contos da Mamãe Gansa*.

Entretanto, não havia especificação entre infância, adolescência e fase adulta. Não existia separação por faixa etária e a criança era vista como um “adulto em miniatura”, devendo esta ser tratada como tal, realizando tarefas e vivenciando situações sem distinção com adultos para que se acostumassem com realidade árdua.

De acordo com Góes (1991) a literatura infantil tem origem na idade da narração, essencialmente do mito, contudo, o livro infantil teria nascido somente quando se originou uma preocupação com a educação e transmissão de conhecimentos e valores para a criança. Segundo Nelly Novaes Coelho (2010), em seu livro *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*, são autores renomados como Perrault, Grimm e Andersen, a partir do século XVII, que começaram a reescrever histórias anônimas que eram transmitidas oralmente, em papéis. Nesse percurso, a literatura infantil passou a ser voltada para crianças, geralmente com histórias com lições morais, e a literatura infantojuvenil passou a englobar crianças e jovens em histórias mais aventurescas, com o avançar dos estudos sobre a fase da adolescência, antes não reconhecida.

Somente a partir da segunda metade do século XIX é que os personagens negros começam a ganhar espaço na literatura infantil. No Brasil, a literatura infantojuvenil percorreu de modo diferente, ela se destacou principalmente no século XIX e se restringiu em um acervo de obras portuguesas, obras de tradução ou contos folclóricos. Desse modo, perante as leituras específicas para o público infantojuvenil, o Brasil consolidava seus valores, unindo a escola como instrução de valores, como o nacionalismo, intelectualismo, tradicionalismo cultural, moralismo e religiosidade. (COELHO, 2010). Contudo, a personagem criança negra, por muito tempo, esteve distante das obras de literatura infantil.

A imagem de personagens negros aparece somente no século XX, predominando as mesmas características da literatura adulta, as personagens não ocupavam papel de protagonistas, faziam parte da história, mas com papel secundário e sem valorização a sua cultura.

Desse contexto, destacam-se obras como *Contos da Carochinha* (1894) de Figueiredo Pimentel, *Através do Brasil* (1910) de Olavo Bilac, Manuel Bonfim e principalmente livros de Monteiro Lobato. Esse autor em especial, no século XX, é reconhecido como o pai da literatura infantil no Brasil, pois buscava uma autêntica linguagem brasileira em suas obras para, assim, motivar o sentimento nacionalista e, conseqüentemente, diminuir as influências europeias. Embora em seu famoso *Reinações de Narizinho* (1920), Monteiro Lobato apresente a personagem negra tia Nastácia, também de forma estigmatizada, uma analfabeta tratada como negra de estimação.

A historiografia literária dá conta que a literatura infantil foi ganhando força e se expandindo. Contudo, mesmo com o crescimento de obras de literatura infantil, ainda há nesse contexto uma representação mínima ou restrita da criança negra. Conforme Pires, Souza e Souza (2005), o negro aparecerá desde os seus primórdios, tanto na história quanto na literatura. Porém, ocorre uma sucessão de produções literárias que representam o negro de forma deturpada, estereotipada e inferiorizada. Dessa forma, o papel de protagonista só poderia ser ocupado por personagens brancas. Cumpria-se, pois, o padrão de beleza exigido pela sociedade da época.

Segundo Munanga (2004, p.21):

Os indivíduos de raça “branca” foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função das suas características físicas e hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc, que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc.

Assim, somente a criança branca teve um espaço de representação positiva nas histórias infantis, os clássicos como: *A bela adormecida*, *Branca de Neve*, *As Fadas* e *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault (1628-1703) entre outras, são exemplos disso. Quanto aos personagens negras, quando apareciam, traziam características negativas (feio, pobre, et.) que impediam que a criança negra tivesse um referencial positivo.

No Brasil, somente a partir da década de 1980, esse cenário começa a mudar. Isso porque surgem autores com novas propostas literárias que problematizam a origem racial e o processo de formação da identidade negra. Assim também os textos voltados para o público infantojuvenil, buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura ressignificando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana.

Barreiros (2010, p.5), ressalta:

A literatura infantil recente oferece um montante de informações e representações, pelas quais o leitor pode desenvolver a leitura, adquirir novos conhecimentos e valores, auxiliando-o na solução de situações da vida. Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade.

Do ponto de vista de suas funções específicas, quanto à educação, a literatura infantil contribui no desenvolvimento da criança leitora, uma vez ser capaz de sensibilizar o leitor a refletir sobre diversos assuntos de maneira humanizada. Portanto, esse gênero é um elemento fundamental na construção do sujeito. Daí a relevância da leitura de obras literárias capazes de envolver a criança permitindo se reconhecer na trama ficcional, a exemplo de *O pequeno príncipe preto*.

### **3 A LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA POSSIBILITANDO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

A literatura infantojuvenil é uma maneira artística de representação social e assim desconsiderar apontamentos que sugiram o contrário, os quais enxergam essa literatura apenas como um simples objeto de entretenimento para o leitor, é ignorar o seu vínculo artístico e educacional (FILHO, 2011). Dentro dessa perspectiva mais, atualmente, a literatura endereçada para crianças e jovens busca pluralidade, além de identificação, diálogo e afeto com o leitor, mirando na realidade sociocultural brasileira.

Em contexto de ensino, a literatura infantojuvenil é trabalhada em dois vieses, o primeiro abrange, mais ampla e diretamente crianças a partir dos cinco anos de idade, até basicamente 8 anos, uma vez que abarca características mais simples, textos com parágrafos curtos, livros mais coloridos e com formatos que visam chamar a atenção do leitor e desenvolvimento cognitivo e criativo. Já os livros tidos como juvenis abrangem um público voltado para os indivíduos de nove aos quinze anos de idade e desenvolvem histórias voltadas para o crescimento das crianças e dessa forma, envolvem assuntos do cotidiano como paqueras e sentimentos.

Na condição de objeto de leitura, os textos literários dessa natureza podem ampliar a visão analítica do leitor quanto aos padrões que a classe dominante impõe às classes diversas; desenvolver a habilidade de questionamento dos leitores no que tange aos fatores que levam a desigualdade; além de desconstruir os conceitos acerca da definição de príncipe e princesa pregados pela sociedade atual e refletir sobre o quanto a sociedade é intolerante, excludente e preconceituosa.

A literatura infantil afro-brasileira, neste sentido, se faz presente em um contexto historicamente marcado pela valorização de protagonistas brancos, em detrimento de personagens secundários negros, mas esse cenário vem se modificando e o negro, amparado por sua cultura a ancestralidade está conquistando o seu espaço nas produções.

Candido (2011, p. 177) afirma que “a literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Ou seja, a literatura está ligada na vivência do indivíduo, principalmente, porque ela fornece informações socioculturais. Desse modo, a literatura é o objeto do letramento literário abordando o processo de apropriação da literatura enquanto construção de sentido e caráter literário, ou seja, são experiências vivenciadas pelo indivíduo no mundo, e que dá sentido a esse mundo que está vivenciando através das palavras.

Todavia, a escola é uma das responsáveis pelo ensino do texto literário numa perspectiva do letramento literário, pois o professor vai selecionar e pensar em

estratégias a partir do texto, refletindo sobre possibilidades de abordagem acerca dessa unidade textual e depois, coletivamente, com os alunos, realizar um processo de tornar visível o que é invisível, onde o professor ensina e faz com que o aluno enxergue aquilo que é processado no cognitivo quando se está lendo, revelando implícitos. Zilberman (1991) afirma também que ler “Torna o saber acessível a todos, e como tal, dessacraliza tabus e investe contra o estabelecido, quando este prejudica a comunidade [...] e luta pela renovação de concepções arcaicas ou conservadoras” (ZILBERMAN, 1991, p. 38).

Assim, a literatura abre os olhos dos indivíduos para o mundo, pois apresenta significados marcantes do sociocultural de um povo, de uma comunidade. É importante destacar que a arte literária nos inclui na sociedade, mas como Cosson (2020, p. 23), enfatiza, “seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”.

Neste sentido, “a literatura tem a potencialidades de nos tornar melhores e de permitir uma maior reflexão sobre a cidadania em seu conteúdo político e social, contribuindo para a formação intelectual e cultural” (COSTA, 2016, p. 55). E ainda de acordo com Lima (2020, p. 126), “a pobreza, a violência e a discriminação que afetam os negros refletem diretamente a institucionalização do preconceito de um país contra esse grupo, mantendo-o à margem da sociedade”

[...] a expressão “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. Por outro lado, a expressão “literatura afro-descendente” parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora. (FONSECA, 2006, p. 24).

A Lei nº 10.639/03<sup>2</sup>, de 9 de janeiro de 2003 e atuais artigos 26-A e 79-B, altera a Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece nas diretrizes e bases da educação nacional, aplicação da disciplina obrigatória “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da Rede de Educação (BRASIL, 2003). Tal ação afirmativa tem possibilitado de um lado um aumento de produções literárias com prometidas com a história do negro no sentido valorativo, assim também uma maior presença dessa literatura na sala de aula.

Candido (1999) pontua que “[...] a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais [...]” (CANDIDO, 1999, p. 82). O ensino de literatura desenvolve habilidades de associação entre a imaginação e a realidade, por isso se torna uma ferramenta indispensável no auxílio ao combate aos mais diversos tipos de preconceitos e favorece a exaltação da diversidade como atributo essencial para a manifestação da pluralidade e da ancestralidade dos povos. Todavia, se apresenta como um instrumento de inclusão social e de valores necessários para a promoção de uma sociedade pautada no respeito e equidade de direitos.

Brasil é um país culturalmente heterogêneo, uma vez que se formou em meio a negociações e conflitos, hibridismos culturais, interesses econômicos, colonialismos, fusões sincréticas (quase sempre violentas), perdas e

---

<sup>2</sup>O advento da lei n. 10.639 é uma resposta às reivindicações do movimento negro vindas a público há mais de meio século (Cf. PAULA, 2009).



reconstruções identitárias, e processos de aculturação (PAULA, 2009, p. 106).

A construção de um currículo antirracista para a educação brasileira é tarefa essencial para a promoção da equidade em uma sociedade atravessada por desigualdades e estruturas históricas de exclusão, e a literatura se inscreve como um dos caminhos:

A literatura, enquanto arte, é um dos caminhos que pode ser percorrido pelo homem na busca de prazer nessas relações. Como sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pode revelar os desejos mais profundos do indivíduo, que por sua vez, se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. Portanto, num movimento também de busca incessante, a literatura-arte, pode abrir múltiplos espaços para novas possibilidades do conhecer. E não se pode tirar da literatura infantil esse papel tão importante na formação do pensamento, pela qual cada adulto já passou ou estará repassando em algum momento da sua vida. (DIONÍZIO 2010: 11).

É fato que a literatura infantil afro-brasileira traz em si representações ideológicas relacionadas ao corpo, vestimentas, falas, religião, concepções de civilização e hierarquia dos personagens. Tais representações pontuam aos leitores uma reflexão sobre o protagonismo negro dentro de afirmação positiva, indo de encontro às situações que tendem a mostrar o negro como inferiorizados ou subalternizados.

#### **4 A ANCESTRALIDADE EM FOCO EM *O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO***

A obra literária *O pequeno príncipe preto* é originária de uma peça infantil nacionalmente conhecida. Seu autor Rodrigo França traz essa delicada história no formato de conto, com uma narrativa que fala da importância de valorizarmos quem somos e de onde viemos - além de nos mostrar a força de termos laços de carinho e afeto. Afinal, conforme sua mensagem, juntos e juntas todos ganhamos.

Rodrigo Ferreira França é ator, dramaturgo, cientista social, filósofo, professor, articulador cultural, produtor, artista plástico, além de ativista em direitos humanos fundamentais. O carioca é responsável pela dramaturgia e direção do espetáculo infantojuvenil *O pequeno príncipe preto* (2020), que discute os estereótipos associados à representação dos negros como heróis infantis.

França iniciou sua carreira de ator no teatro e no cinema em 1992. Desde então, participou de mais de 50 espetáculos. Interpretou Martin Luther King (1929-1968) na montagem teatral intitulada *O encontro – Malcom X e Martin Luther King*, que narra a reunião fictícia entre os dois grandes líderes estadunidenses para discutir rumos e estratégias da luta pelo fim da discriminação racial.

Acerca da importância da representação da cultura africana e a promoção de valores positivos da ancestralidade e de crianças negras, França (2020) afirma que:

Discutimos muito sobre representatividade, mas acredito que está na hora de ultrapassar essa representatividade e irmos para o protagonismo. *O pequeno príncipe preto* veio para trazer exemplificações positivas a partir desse protagonismo negro. Muito me preocupa estarmos em 2020 e não termos uma gama de livros publicados, no Brasil, com o rosto desse menino negro ou de uma menina negra. (FRANÇA, 2020).

Em *O pequeno príncipe preto*, o dramaturgo aborda questões de representatividade, exaltação da beleza negra, além de trazer a mensagem de que negros descendem de reis e rainhas. Segundo o autor,

Precisamos fortalecer a ideia que nós negros e negras somos descendentes de reis e rainhas. Para o Brasil vieram do continente africano alguns dos melhores engenheiros, arquitetos, professores, agricultores, matemáticos, médicos. Existe uma história pré-Brasil e pré-África colonizada. Não fomos escravos e, sim, escravizados. Faz uma grande diferença. Essa condição foi imposta, não se realizou de forma natural. Uma criança para cultura Yorubá é uma majestade com tamanha relevância. Não se constrói uma nação sem pensar no futuro. (FRANÇA, 2020).

França acredita que é muito importante que pessoas negras ocupem lugares que antes pareciam inalcançáveis e reafirmados por uma história única de vendedores. Assim, tem-se a relevância de representações discursivas a incentivar gerações futuras a se espelharem e buscarem realizar seus objetivos sem medo de julgamentos e acreditando na possibilidade de lograr êxito onde desejarem. Nesse processo tomar consciência de uma outra história torna-se uma mola propulsora de ações afirmativas, no caso dos negros, de reconhecimento e valorização.

Ao ler a obra *O pequeno príncipe preto* (2020) é possível de se estabelecer uma relação *O pequeno príncipe* (1943). Neste livro do autor francês Antoine de Saint-Exupéry, tem-se uma criança loura e frágil, que diz ter vindo de um pequeno planeta distante e dialoga com um homem branco, um piloto perdido no deserto, sobre a convivência e valores que dão sentido à vida, a exemplo do amor, da amizade e da natureza humana.

Por sua vez a narrativa do Rodrigo França gira em torno de uma criança preta, um príncipe que percorre vários planetas com a missão de plantar as sementes da empatia, amor, respeito, coletividade, generosidade e aprendizado familiar. A história narrada na obra já começa nos introduzindo ao universo do personagem, que mora em um minúsculo planeta, com uma árvore Baobá, sua única companheira. Baobá, também conhecida como Micondó, é uma representante da ancestralidade. Reza a lenda que Baobá era uma árvore que reinava sobre o continente africano, mas a sua soberba era tão grande que foi amaldiçoada pelos deuses. Quem come de seus frutos é amaldiçoado a morrer pela boca de um leão. A relação da criança com essa árvore é muito semelhante à relação de um neto com sua avó ou seu avô ou com algum ente mais velho a quem vê com respeito e como alguém que possui sabedoria, justamente no caminho da ancestralidade.

O texto mostra, alinhado sabiamente às ilustrações, a importância da valorização das pessoas que vieram antes de nós, como expressa o excerto a seguir. O ideal do Ubuntu<sup>3</sup> vem representar a ancestralidade a direcionar para o aprendizado:

---

<sup>3</sup>Ubuntu, filosofia africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras. Na tentativa da tradução para o português, ubuntu seria “humanidade para com os outros”. Uma pessoa com ubuntu tem consciência de que é afetada quando seus semelhantes são

Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas. (FRANÇA, 2020, p. 9).

Na obra, *O pequeno príncipe preto* (2020), o protagonista da história, o menino negro, sagazmente suscita questões de afeto, amor próprio e autoestima de crianças negras. Para isso, há um elemento fundamental: o resgate ou a ressignificação da ancestralidade africana, para fins de entendimento e valorização de suas origens. O que está representado na ideia do Ubuntu - fundamento tradicional africano que articula respeito básico pelos outros, por tudo que os constitui. Os saberes da ancestralidade transitam entre vínculos étnico-culturais e experiências vividas por um grupo humano, seja nos saberes cultuados, seja no trabalho, na espiritualidade ou na própria cultura do grupo. Entender sobre tais conhecimentos e torna-se capaz de ações que neguem o racismo.

Nesse viés antirracista, dando foco a outra história, a obra *O pequeno príncipe preto* deixa a mensagem para os leitores, sejam eles negros ou não negros, de que todos somos fortes, belos e potentes para sermos tudo o que quisermos ser; e que possuímos condições suficientes para enfrentar qualquer desafio na vida. Na obra em questão, o protagonista expressa uma alegria vibrante, até na forma como o personagem se expressa, chamando a atenção para o seu sorriso “Olhe meu sorriso, como é simpático e bonito!”. (FRANÇA, 2020, p11.). Essa felicidade faz parte da identidade do povo afrodescendente, apesar do sofrimento ao qual foi submetido:

Eu sou negro! Um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde... Tem o verde-escuro e o verde-claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços. A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe um lápis “cor de pele”. Como assim? A pele pode ter tantos tons... (FRANÇA, 2020, p. 10).

No decorrer de quase 30 páginas, nos é apresentada a grande aventura do pequeno príncipe preto, o personagem principal da história, uma criança curiosa e que se mostra muito segura diante do que acredita, revelando-se um bom questionador cheio de dúvidas em sua cabeça, como qualquer criança e, de forma muito contundente, busca respostas e provoca mudanças por onde passa:

Minha boca é grande e carnuda.  
Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito!  
Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.  
Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.  
Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite.

(FRANÇA, 2020, p. 11)

---

diminuídos, oprimidos. – De ubuntu, as pessoas devem saber que o mundo não é uma ilha: “Eu sou porque nós somos” – fragmento retirado do texto “Ubuntu: A Filosofia Africana Que Nutre O Conceito De Humanidade Em Sua Essência”, encontrado em <https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Percebemos, com isso, o quão importante é a promoção do diálogo com as crianças, principalmente por ser nesta fase da vida que muitas descobertas e questionamentos surgem e corroboram na construção de sua identidade e personalidade.

Com uma linguagem simples e cuidadosamente pensada que faz uso do lúdico como meio de se conectar com o público infantojuvenil, França (2020) não tem receio de falar sobre questões de raça e identidade com as crianças, além de aspectos físicos e identitários, alguns símbolos de religiões de matriz africana como o próprio Candomblé trazendo termos como “erês” (p. 23), “Oxum” (p. 28), “Orum”(p. 28), “Olorun kosi pure” (p. 29) e talvez o mais conhecido, o “Ubuntu”, que na filosofia africana significa “nós por nós” (p. 25).

Na sala de aula, torna-se relevante que os agentes do processo de ensino e aprendizagem compreendam

O ato de ler centrado no leitor, todavia, não tarda a mostrar que o leitor enquanto indivíduo não é o único responsável pelos sentidos do texto. Antes mesmo de prever ou antecipar os sentidos do texto, o leitor é construído enquanto tal pela comunidade da qual faz parte (HEATH, 1983 apud COSSON, 2014, p.38)

Desse modo, ao fazer com que o leitor consiga mergulhar na atmosfera desse personagem, possa entender a relação da literatura com a vida, possibilitando que esta exerça o papel de humanizar as relações sociais. Compreendendo aqui a humanização nos termos apontados por Candido (1995, p.180), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O pequeno Príncipe Preto* (2020), do escritor Rodrigo França traz em seu enredo uma criança negra como protagonista, dando foco a uma outra história a ser dita aos leitores que somente têm lido referências literárias de príncipes brancos. Essa narrativa aborda temas como respeito às diferenças, amor ao próximo e união; atitudes fundamentais para uma convivência pacífica no meio social. Igualmente, o escritor enfatiza comportamentos que devem ser evitados como o egoísmo, demonstrado pelo rei, responsável por sua solidão, pois habita sozinho o planeta.

Na narrativa, o aspecto da ancestralidade aparece em termos de valorização identitária, por meio de vínculos étnico-culturais e experiências vividas, seja nos saberes cultuados, seja no trabalho, na espiritualidade ou na própria cultura do povo negro. Entender sobre tais conhecimentos, possibilita ao leitor ser capaz de ações que neguem o racismo, por meio do respeito ao outro.

A narrativa da literatura afro-brasileira, a exemplo da obra em questão, tende a evidenciar a importância da presença na escola de obras literárias que tratem de temáticas da história e culturas afrodescendentes e apresentarem personagens negras protagonistas em imagens que valorizam e dão visibilidade à identidade étnico-racial, possibilitando contribuir para o (re)conhecimento racial das crianças negras, o seu processo de construção identitária e sua autoestima de maneira positiva.

Nessa perspectiva, ressalta-se a importância do uso de literatura infantil africana e afro-brasileira como instrumento facilitador para promover diálogos sobre

raça em turmas da educação infantil, possibilitando, assim, que diferentes grupos socioculturais se reconheçam e se relacionem de maneira harmoniosa e respeitosa.

Daí a relevância da escola observar em seus currículos o que é posto com a promulgação da Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, possibilitando a recepção leitora de obras literárias voltadas para crianças que buscam romper com estereótipos de personagens negros e negras.

De forma geral, a obra de Rodrigo França, contribui para a formação identitária positiva do negro, permitindo que as crianças possam vivenciar o que a historiografia negou, não admitindo que as crianças pretas pudessem ser príncipes e princesas com os traços negroides. Longe de esgotar as possibilidades de leitura desta obra literária, esperamos que este estudo possa contribuir para outras indagações, assim como servir de fundamentação e provocação para outros trabalhos acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2021.

BARREIROS, Ruth Ceccon. **Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira**. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino Gilmara Santos Mariosa (UERJ) Maria da Glória dos Reis (CES-JF) A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS CRIANÇAS Estação Literária Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011. ISSN 1983-1048. [http://www.uel.br/pos/letras/EL\\_52\\_e\\_Linguagem\\_UNIOESTE\\_-\\_Cascavel.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/EL_52_e_Linguagem_UNIOESTE_-_Cascavel.pdf). Anais Cascavel: UNIOESTE, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48858870-Leitura-e-formacao-identitaria-na-literatura-infantil-afrobrasileira.html>. Acesso em: 05 dez. 2022.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999. Tradução. Acesso em: 20 nov. 2022.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo**. 5.ed. São Paulo: Amarelly, 2010.

COHEN, Morton N. **Lewis Carroll: uma biografia**. Tradução de Rafaella de Filippis, Rio de Janeiro: Record, 1998.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 4. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Maria. Suely da. "A linguagem literária potencializando fatos cotidianos!". In: LINS, J. N. (org.). **Estudos na área de linguagem: ensino, pesquisa e formação docente**. Recife: EDUFPE, 2016, p. 53-62.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

DIONÍSIO, Eliane Rabello Correa. **Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita; de Ana Maria Machado**. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Nova Fronteira, 2020.

FRANÇA, Rodrigo. **Militar para os outros: Ator, dramaturgo e ex-BBB, Rodrigo França fala de trabalho com PM e da importância da cultura contra o racismo**. Entrevista concedida à Diana Carvalho. São Paulo: *Ecoa*, ago. de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/rodrigo-franca-fala-de-trabalho-com-pm-e-importancia-da-cultura-contra-o-racismo/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramento, 2011.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura Infantil e Juvenil**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, S. T. B. **Direitos Humanos dos Negros: Racismo estrutural, necropolítica, interseccionalidade e o mito da democracia racial no Brasil**. REH - Revista Educação e Humanidades, v. I, n. 2, jul-dez, 2020, p. 119-132.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC; SECAD, 2004.

PAULA, Cláudia Regina de. **O Protagonismo Negro: o movimento negro na luta por uma educação antirracista**. In: ARCERVO, Rio de Janeiro, v. 22, no 2, p. 105-120, jul/dez 2009.

PIRES, Rosane de Almeida; SOUSA, Andréia Lisboa; SOUZA, Ana Lúcia Silva . **Afroliteratura brasileira: O que é? Para quê? Como trabalhar?** Educom Afro –

Publicação da Faculdade de Educação da PUCRS, Viamão, mar. 2005. Disponível em: Acesso em: 18 out. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. Companhia das Letras, 2021.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra**: a literatura afro como possibilidade reflexiva. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991

## AGRADECIMENTOS

Certa vez eu ouvi que nunca conseguimos nada sozinho, que todas as nossas vitórias são por alguém, em alguém ou com alguém. E foi exatamente assim na minha graduação, pois, diante de tantas arduidades, desafios e tensões que constituem a vida acadêmica, foi pela minha mãe que eu não desisti, esse sentimento de querer parar sempre se fez presente, no entanto, ela com toda sua força, apoio e otimismo me fez persistir. Também agradeço a minha família como um todo e sobretudo aos meus irmãos: Fátima, Maria, Joseane, Jaciane, Fernanda, Fábio e Jailson.

Outrossim, agradeço a Deus, em quem confio muito, e sei que mesmo diante de muitos obstáculos, Ele nunca perdeu o controle, e se faz presente na minha vida guiando-me, conduzindo-me sempre para o melhor e fazendo com que tudo desse certo. Obrigada, Senhor, por não ter me deixado desistir, por me permitir realizar esse sonho que um dia eu tanto almejei e que parecia tão distante e utópico, ainda assim o Senhor tornou possível.

Dessa forma, estendo meus agradecimentos a minha amiga Jaciara, que durante a minha tessitura me apoiou e incentivou, além de, sanar muitas dúvidas acadêmicas. Ainda nessa esfera, agradeço a Eucimara, que é meu antônimo, somos extremamente divergentes e, mesmo assim, fomos dupla durante 95% da graduação. Não só elas, mas todas as amigas que construí durante a graduação em algum momento foram muito importantes para mim e me ajudaram, a saber, Geane, Maria Valquíria, Jardiane, Tayllinne e Luciene. A parceria de todas tornou a caminhada um tanto quanto menos árdua. Assim, também agradeço a Maria Suely, minha orientadora, por todo empenho e dedicação.